

Mais que um príncipe

Eu o conheci em novembro de 1969. Os formandos do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (STBSB) realizávamos nossa viagem de conclusão de curso. Passamos por Goiânia, Ceres, Anápolis, Brasília e no domingo deveríamos pregar nas igrejas em Belo Horizonte. Cada formando escolheu uma igreja. Não escolhi nenhuma, pois não conhecia as igrejas da cidade. Fui escalado para pregar na Igreja do Barro Preto. Todos os colegas já estavam com pastorados assegurados, menos eu. Havia certa ansiedade, já que deveria deixar o seminário no final de dezembro.

Ao buscarem os seminaristas no hotel, no domingo pela manhã fui informado que não pregaria no Barro Preto, mas sim na Igreja da Graça. Havia uma "ordem" do diretor do Colégio Batista, pois a igreja desejava me ouvir. O colega que estava escalado para pregar na Igreja da Graça protestou, mas a "ordem superior" prevaleceu.

A igreja estava em processo de escolha de um novo pastor, que substituiria esse admirável homem de Deus, pastor Francisco Mancebo Reis. Preguei nos cultos matutino e vespertino. Não lembro sobre o que preguei, a igreja também não. Uma semana após retornar ao seminário recebi o convite da igreja desejando-me como seu pastor. Aceitei o convite e a Igreja da Graça solicitou à Igreja em Cachambi que promovesse minha ordenação ao ministério, o que ocorreu no dia 26 de dezembro de 1969. O pregador no culto de consagração foi o pastor Mancebo, assim é conhecido carinhosamente pelas ovelhas. Uma pequena caravana de mineiros acompanhou o exame e o ato solene. O diretor do Colégio Mineiro estava presente. Soube bem mais tarde pelo diácono Vander Lins que houve um "complô" no corpo diaconal. Optaram por um recém-formado para poder moldá-lo aos anseios da liderança. "Fomos enganados", disse-me o irmão Vander. "Ninguém consegue moldá-lo, mas estamos felizes com sua firmeza doutrinária". Coisas de diáconos e pastor.

Viajamos de trem para Belo Horizonte. Fomos recepcionados na estação e conduzidos, eu, Adiva, Humberto e Sarita a nossa nova residência. Antes passamos pelo Colégio Batista, onde nos receberam com um delicioso café mineiro e o inesquecível pão de queijo.

No dia 30 de dezembro de 1969 ocorreu a transferência do pastorado. Culto solene e auditório repleto. A igreja estava triste por abrir mão do seu querido pastor, e alegre por receber o novo pastor.

A igreja estava acima da minha capacidade intelectual e cultural, pois a maioria dos membros era constituída de professores do Colégio. Isto serviu como desafio a me dedicar mais aos estudos, à preparação dos sermões e aos

Mais que um príncipe

estudos bíblicos. O auditório exigia sermões bem preparados. Sou grato a Deus pelo desafio que me ajudou a crescer.

Iniciou-se então a minha caminhada mais íntima com o diretor do Colégio Batista. Solicitou que fôssemos conversar com ele no colégio. Recebeu-nos com a característica que lhe era peculiar. Homem cortês, educado, amável, fala mansa, cada frase era moldada com sabedoria. Um homem temente a Deus. Nunca o ouvi e vi com voz exaltada. Mesmo quando confrontado, e às vezes agredido nas Assembleias convencionais, não mudava o tom da voz. A sua lhanza me fascinava. Neste aspecto não consegui imitá-lo. Sua origem simples não foi esquecida quando galgou elevados postos na vida. Providenciou classe para Audiva lecionar e convidou-me a assumir a capelania do colégio. Fiquei surpreso, pois não me sentia capaz. Mas a confiança e o respeito que ele depositava no jovem pastor davam-me forças para prosseguir.

Ele era o diácono dos diáconos. Sua palavra breve e objetiva oferecia soluções para as dificuldades da igreja. Seu amor à igreja, à família e ao colégio me assombrava. Vivia para servir e solucionar problemas de terceiros. Ninguém saía do seu gabinete sem um desconto na mensalidade. Dava do seu próprio bolso, desde que a pessoa desejasse estudar e estudasse. Fato curioso ocorreu certa vez: Certa feita entrou no seu gabinete uma senhora desejando abatimento na mensalidade do filho. Para convencê-lo começou a desabotoar a blusa para mostrar-lhe os curativos de uma cirurgia de câncer. Apavorado, ele gritou com a mulher, que desistiu de mostrar os curativos. Ganhou gratuidade total, desde que saísse logo da sala. Ajudou milhares de alunos. Acreditava no poder do Evangelho como força propulsora na transformação do indivíduo e na educação como elemento capacitador do cidadão. Dizia-me sempre: "A pregação há de elevar o indivíduo aos paramos divinos. Logo não deve ser produto de barganha". O crente precisa crescer culturalmente.

Administrava o colégio com o mesmo amor e dedicação que ministrava à família. Família, igreja e colégio eram a razão de ser de sua vida.

Deus lhe deu uma família maravilhosa. Todos salvos e integrados na causa do Mestre. Na última vez que o visitei, já no hospital, vítima de um acidente, no dia 10 de junho 2011, conversa-mos sobre os bisnetos dele.

Havia no seu olhar o brilho do ancião vitorioso que soube viver com dignidade junto aos seus. Muitas vezes choramos juntos. Ovelha-pastor-ovelha. Acompanhei o seu sofrimento quando o câncer levou de modo brutal nossa pianista. Suzana era a primogênita, e Deus a levou. Choramos juntos a perda irreparável. Mesmo triste, nunca questionou o agir divino. Soube sofrer e se alegrar com as vitórias da família.

Mais que um príncipe

A esposa, professora Clarita, faz parte dessas poucas mulheres que não há quem não se curve e reverencie a firmeza, a fé, dedicação, amor e carinho revelados ao esposo, aos filhos e Causa de Cristo.

O meu grande amigo professor Armindo Oliveira Silva foi convocado ao lar celestial no dia 14 de junho de 2011. Sua vida enriqueceu a muitos, abençoou a Denominação Batista em Minas e no Brasil. Apesar da grandeza de sua vida, nunca abandonou a humildade, característica do mineiro que um dia deixou a roça e veio para a cidade grande em busca de conhecimento. Deus honrou os seus sonhos e ideais. Nele se cumprem mais uma vez as palavras de Jesus: Se alguém me serve, siga-me. E, onde eu estiver ali estará também o meu servo. E, se alguém me servir, meu Pai o honrará" (João 12.26). Mais do que um príncipe: Um homem de verdade.

JULIO OLIVEIRA SANCHES Pastor, colaborador de OJB

O Jornal Batista de domingo dia 03/07/2011 pag. 13.